



*Dr. Yeochua Avritchir*

*é membro titular do CBR e cronista*



## As quatro galinhas

**Israel, 1951. Pós-guerra da Independência.**

**Por terra, mar e ar, a imigração era desenfreada. De todos os continentes, como fugindo de um grande incêndio, eles aportavam ao país.**

O caos administrativo era geral. Tinha-se que dar de comer a todo esse povo. A solução provisória se chamou “acionamento”. Cada cidadão recebia um carnê mensal, que lhe dava direito a retirar do armazém dois ovos, dois quilos de açúcar, um litro de azeite, dois quilos de batata, dois quilos de cebola e cem gramas de café. Dependia-se inteiramente da importação de alimentos. Um atraso do cargueiro, o sal desaparecia do mercado. Se chegassem dois navios com sal, que fazer com tanto sal?

As filas intermináveis, e as sacolas de prontidão indicavam algum alimento inesperado. Bacalhau à vontade, principalmente de terceira categoria. A Noruega nunca exportou tanto. As mulheres se especializaram na feitura de todos os jeitos, era no almoço e no jantar, cozido ou frito, em forma de bolinhos ou de rosquinhas...

O câmbio negro era severamente punido. Fiscais policiavam todas as estradas. Era crime de lesa-pátria. A punição ia desde

apreensão até multa e cadeia. Não se tergiversava.

Naqueles dias, aproximava-se a data do meu casamento. O assunto de família era o jantar, o banquete da recepção. Fazia parte do cardápio consomê de entrada, mas... e as galinhas? Onde e como obtê-las?

Não longe da nossa cidade, havia uma fazenda comunitária onde trabalhava uma prima. Convidada, de presente de casamento ela nos deu quatro galinhas. Era um belo presente. O problema era buscar as penosas. Vamos? Não vamos? Já podia visualizar a manchete no jornal – médico brasileiro é flagrado roubando galinhas. Valeria o risco? Decidimos que sim. Preparamos verdadeira operação de guerra, e a denominamos “operação quatro galinhas”. Quatro sacolas especiais, de lona, impermeáveis a vazamentos e odores, e ótimas para camuflar o “recheio”.

Decidimos deflagrar a operação na sexta-feira à tarde, quando todos se preparam para o Shabat, inclusive nossos inimigos, os fiscais.

No ônibus, colocamos os pacotes nas redes acima dos assentos, e sentamo-nos em bancos distantes. Em caso de fracasso, os pacotes não eram nossos. Não sabíamos a quem pertencia.

A cada parada o medo e a tensão aumentavam. Olhar fixo no degrau do ônibus, procurávamos adivinhar quem seria o fiscal, o algoz. Via-me algemado e levado à delegacia junto com mais uma dúzia de infratores. Humilhação. Como sair dessa? O coração batia forte. As coronárias pagavam o preço. Sentia-me um verdadeiro criminoso ante a inquirição.

Súbito, uma parada. Era nosso ponto de decida. Rápido, nos apossamos dos pacotes, e pusemo-nos a andar pela estradinha que nos conduzia a nossa casa.

Finalmente, chegamos vivos, são e salvos com nossa preciosa carga.

Cinquenta anos depois, entre outros pesadelos, sobressai a “operação quatro galinhas”. Certamente é por isso que, hoje, detesto consomê.